

Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria
Centro de Pesquisa e Formação – CPF do Sesc São Paulo
2022

moralidades
CONVERSAS
amoralidades
SOBRE
imoralidades
ÉTICA

7 eliane potiguara



MÓDULO II

ÉTICA, MORAL E COMPANHIA

– SABERES, PENSARES, SENTIRES.

moralidades **CONVERSAS** amoralidades **SOBRE** imoralidades **ÉTICA**

7

eliane potiguara

ÉTICA E ARTES

O belo e o bem. O gesto criativo. A reflexão estética.

Lazer/ludicidade

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
TÉCNICO-SOCIAL Joel Naimayer Padula
COMUNICAÇÃO SOCIAL Ivan Giannini
ADMINISTRAÇÃO Luiz Deoclécio Massaro
Galina ASSESSORIA TÉCNICA E DE
PLANEJAMENTO Sérgio José Battistelli

GERENTES
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO Andréa
de Araújo Nogueira ARTES GRÁFICAS Hélcio
Magalhães

EQUIPE SESC
Marcos Toyansk Silva Guimaraes, Maurício
Trindade da Silva, Rafael Peixoto,
Rosana Elisa Catelli e Sabrina da Paixão
Brésio

**MORALIDADES,
AMORALIDADES,
IMORALIDADES:**
CONVERSAS SOBRE ÉTICA

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL
Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS
André Luiz dos Santos, Branca Jurema
Ponce, Christian Dunker, Eliane Potiguara
Halina Macedo Leal, Nilton Bonder, Renato
Janine Ribeiro, Renato Nogueira e Ricardo
Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Potiguara, Eliane
Moralidades, amoralidades, imoralidades
[livro eletrônico] : conversas sobre ética / Eliane
Potiguara. -- São Paulo, SP : Centro de Pesquisa e
Formação do Sesc São Paulo : Oficina de Pergunta
Consultoria e Assessoria, 2022.

PDF.

ISBN 978-65-87592-07-7

1. Ética (Moral filosófica) 2. Filosofia
3. Imoralidade 4. Moral I. Título.

22-106275

CDD-171.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética : Aspectos morais : Filosofia 171.2
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Onde a ética começa, e onde ela termina? Podemos tratar da moral no singular?

Pensar acerca dos temas da ética e da moral suscita as mais diversas questões, as quais por vezes não serão sanadas a contento. Se nosso tempo se apresenta como uma rede de complexidade, na qual nos deparamos com diferentes articulações morais e princípios éticos postos à prova, o ciclo **Moralidades, Amoralidades, Imoralidades: conversas sobre ética** apostou na relação do diálogo para expor e problematizar algumas destas interrogações, objetivando mais mobilizar o olhar crítico e autocrítico sobre nosso próprio fazer e agir socialmente, do que ofertar respostas prontas, ou defender teses conclusivas sobre qual a ‘melhor’ ética a se seguir, ou em qual moral devemos nos refugiar.

Partindo das perguntas-chave mobilizadoras que nomearam cada encontro, e com mediação da educadora Terezinha Azerêdo Rios, pesquisadores, pensadores e artistas de diferentes formações acadêmicas, campos de atuação e

territorialidades foram provocados a expor seus pontos de vista acerca do interminável tópico que é o da ética e suas leituras no contemporâneo, bem como sobre os modos de re-pensar as moralidades a partir de outras óticas, mais ampliadas, heterogêneas e inclusivas. Promovido pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc SP), por meio do seu Centro de Pesquisa e Formação (CPF), o ciclo ocorreu de junho a agosto de 2021, de modo on line, e esta publicação reúne o resultado de sua transcrição, como forma de amplificar e compartilhar as reflexões realizadas. Uma boa leitura.

Danilo Santos de Miranda

Diretor do Sesc São Paulo

Apresentação

Esta série de encontros - “Moralidades, Amoralidades, Imoralidades – conversas sobre ética” – foi organizada pela Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria Ltda e pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo. Participaram da elaboração do projeto, pela Oficina de Pergunta, Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios; e, pelo Centro de Pesquisa e Formação, Sabrina da Paixão Brésio e Andréa de Araújo Nogueira. Queremos agradecer a todos os palestrantes por terem aceitado o nosso convite e prestar uma homenagem especial ao professor Roberto Romano, que deveria estar conosco no Encontro 4, no dia 29 de agosto de 2021, para falar sobre “Ética, Política e Economia - As relações de poder, os sistemas de governo. Os sistemas econômicos, as teorias”. Uma semana antes, no dia 22, fomos tristemente surpreendidos pela sua morte.

Homenagem ao professor Roberto Romano, um intelectual de primeira grandeza.

A morte do professor Roberto Romano deixou um vazio neste momento da história do Brasil. Era um defensor do ensino público, da ética, das políticas de inclusão nas universidades e da justiça social no país. Sua erudição e sua presença, tão necessárias, farão muita falta. Mas sua obra estará presente permanentemente em qualquer referência ao conhecimento reunido sobre história, política, filosofia e economia de nosso país.

Roberto Romano era graduado pela USP (1973) e fez doutorado em filosofia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, na França (1978). Era considerado uma das referências no país ao tratar de temas como ética, democracia, direitos humanos, ciência política e universidade pública. Além disso, foi autor de vários livros, entre eles *Igreja contra o Estado*, *Conservadorismo romântico: origem do totalitarismo* e *Razão de Estado e outros estados da razão*.

ESTRUTURA DO CICLO

MORALIDADES,
AMORALIDADES,
IMORALIDADES:
CONVERSAS SOBRE ÉTICA

PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO,
CURADORIA
Fernando Rios
Terezinha Azerêdo Rios

MEDIAÇÃO, PALESTRA
Terezinha Azerêdo Rios

MÓDULO I **TEMPOS E ESPAÇOS DE CRIAÇÃO** **DE VALORES MORAIS E PRINCÍPIOS** **ÉTICOS** **- DOMINAÇÃO OU PLURALIDADE?**

*A ética começa quando
entra em cena o outro.*
UMBERTO ECO

Reflexão sobre a diversidade presente nas sociedades, no que diz respeito às construções morais, com o propósito de apresentar visões diferentes, não para confrontá-las, mas para apontar as contradições, os conflitos e as possibilidades de diálogo entre elas.

*Toda ética digna deste nome parte da vida
e se propõe a reforçá-la, a torná-la mais rica.*
FERNANDO SAVATER

ENCONTRO 1 / 10.06.2021

Apresentação do módulo
A MORAL É OCIDENTAL? – TUDO
COMEÇOU NA GRÉCIA...?
As morais dos povos antigos, a moral dos orientais, a moral africana, a moral pré-socrática.
Convidado:
Renato Janine Ribeiro

ENCONTRO 2 / 17.06.2021

A MORAL É BRANCA? – TUDO
COMEÇOU SEM MELANINA...?
As morais negras, as morais indígenas...
Convidado:
Renato Nogueira

ENCONTRO 3 / 24.06.2021

A MORAL É MASCULINA? – TUDO
COMEÇOU COM ADÃO...?
As morais femininas, LGBT, queen...
Convidada:
Halina Macedo Leal

ENCONTRO 4 / 01.07.2021

A MORAL É BURGUESA? – TUDO
COMEÇOU COM O PATRÃO...?

A moral da classe trabalhadora

Convidado:

Ricardo Antunes

No fechamento do módulo,
defenderemos a ideia de que, no
campo da Ética, tudo começa – e
segue – com todos!

MÓDULO II.

ÉTICA, MORAL E COMPANHIA

– SABERES, PENSARES, SENTIRES.

O mais belo do mundo seria fazer-se o que se
sabe e pode

para que a vida de todos seja melhor.

VALTER HUGO MÃE

Articulação entre a ética e os
diversos campos do conhecimento
e do agir social, refletindo sobre
as suas fronteiras e as inúmeras
pontes que podem ser construídas
no sentido de ampliar os olhares e os
pontos de vista.

ENCONTRO 1 / 08.07.2021

ÉTICA E CIÊNCIAS

O objetivo da investigação científica,
os métodos. As especificidades das
ciências: exatas, biológicas, humanas.
Bioética.

Convidado:

Christian Dunker

ENCONTRO 2 / 15.07.2021

ÉTICA E RELIGIÕES

As manifestações religiosas na contemporaneidade. Os fundamentalismos.

Aqui aproveitamos para responder a questão “Tudo começou em Belém (na manjedoura)?”

Convidado:

Nilton Bonder

ENCONTRO 3 / 22.07.2021

ÉTICA E ARTES

O belo e o bem. O gesto criativo. A reflexão estética. Lazer/ludicidade

Convidada:

Eliane Potiguara

ENCONTRO 4 / 29.07.2021

ÉTICA E EDUCAÇÃO

A educação como construção da humanidade. A instituição escolar.

As políticas educacionais. Desafios e perspectivas.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

ENCONTRO 5 / 05.08.2021

ÉTICA, MORAL, EDUCAÇÃO.

CONVERSAS SOBRE O CICLO.

HOMENAGEM AO PROFESSOR

ROBERTO ROMANO.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

OFICINA DE PERGUNTA, CONSULTORIA E ASSESSORIA LTDA.
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO.

sabrina da paixão brésio

Introdução

Vamos dar início à palestra *Ética e Artes - O belo e o bem. O gesto criativo. A reflexão estética. Lazer/ludicidade*, o terceiro encontro do Módulo 2 do ciclo *Moralidades, Amoralidades, Imoralidades, conversas sobre ética*, promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação, do Sesc São Paulo, em colaboração com a Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria.

Nossa convidada é a professora Eliane Potiguara. Passo a palavra para a professora Terezinha Azerêdo Rios, a curadora deste ciclo, para apresentação da nossa convidada e para o início da conversa desta noite.

A todos e todas, um ótimo debate.



terezinha azerêdo rios

Impossível dissociar ciência, religião e ética.

Muito boa noite para todo mundo. Aqui estamos novamente, com alegria, para dar sequências às nossas conversas sobre ética. Estas nossas conversas têm sido muito proveitosas. Temos tido a possibilidade de partilhar ideias diferentes, plurais, a propósito do tema que nos traz aqui. Neste segundo módulo das nossas conversas sobre moralidades, amoralidades e imoralidades, estamos procurando fazer uma articulação entre a ética e os diversos tipos de conhecimento, de produtos culturais.

Para o primeiro momento, contamos com a presença do professor Christian Dunker, que nos proporcionou uma discussão muito rica a propósito da relação da ética com as ciências. Christian Dunker nos mostrou que é impossível desarticular, falar desses elementos separados, embora às vezes algumas pessoas digam que a ciência fica de um lado e a ética fica de outro. Na verdade, é impossível essa separação. Há um caráter político na ação

dos indivíduos e as escolhas implicam responsabilidade. Vimos isso de uma maneira muito boa com ele naquele momento.

A seguir, tivemos o rabino Nilton Bonder, que veio nos falar a propósito de ética e religiões. O que vimos foi que, muitas vezes, a moral vai se intrometendo no terreno da religião e que, se a gente quer ter uma religião que efetivamente se ligue à vida, que efetivamente represente essa ligação do homem com o cosmos, com os outros, na verdade, o que a gente teria é um caráter ético e não moral. E foi interessante a fala de Nilton Bonder porque nos remeteu a um primeiro momento, lá no Módulo 1, quando fazíamos as provocações: “Será que as coisas começaram no Ocidente? Será que as coisas começaram com o homem? Com os brancos?” Nilton Bonder nos ajudou a trazer mais uma pergunta, que eu acho que vai permanecer: “Será que tudo começou no Monte Sinai, quando Moisés traz as tábuas de uma lei,

que é uma lei de caráter moral?”.
Coisas para a gente pensar.

Hoje, temos o prazer e a alegria de receber Eliane Potiguara, que vai nos ajudar a fazer a nossa reflexão a propósito de uma articulação que é importantíssima: ética e artes. Estamos muito felizes de tê-la conosco. Eliane Potiguara é escritora, poeta, professora. É da etnia potiguara, fundadora da primeira organização de mulheres indígenas, em 1988, a [Rede Grumin](#) de mulheres indígenas.

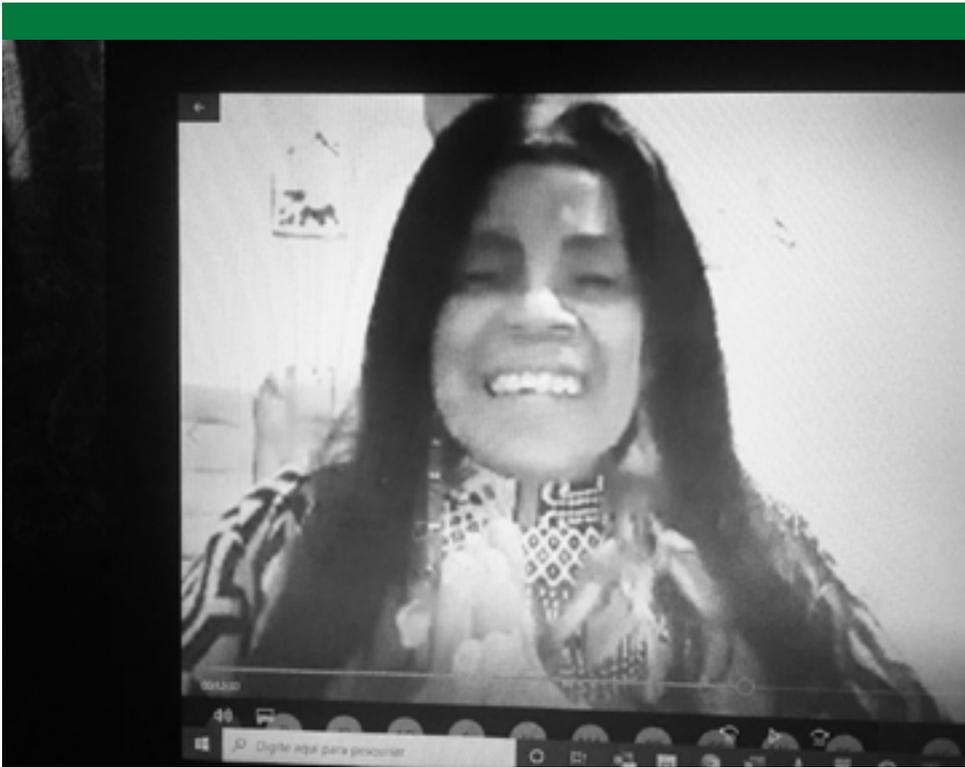
Ela é Embaixadora Universal da Paz em Genebra (Cercle Universel des Ambassadeurs de la Paix – Genebra – Suíça), entidade ligada à ONU - Organização das Nações Unidas, para trabalhar a favor da paz no mundo; recebeu o título de Cavaleiro da Ordem ao Mérito Cultural, em 2004, e foi indicada, em 2005, no projeto internacional Mil mulheres ao prêmio Nobel da paz. Trabalhou pela declaração universal dos direitos indígenas da ONU, em Genebra. Tem vários livros publicados, entre eles: *A Terra é a mãe do índio*; *Metade cara, metade máscara*; *O coco que guardava a noite*.

Vou provocar a Eliane com versos de um poema que é dela mesma: “Ô mulher, vem cá, que fizeram do teu falar? Ô mulher, conta aí”.

É isto que estamos esperando de você, Eliane: conta aí, conta o que tem para nos trazer a propósito dessa relação entre a ética e a arte, a estética, a vida particular e preciosa indígena. Estamos aqui para ouvi-la e agradecemos muito. A palavra é sua.



eliane
potiguara



[...]jogar o povo indígena nas cidades era realmente genocídio. O sofrimento que tivemos com essa situação toda foi que nos mobilizou para iniciar o movimento de arte, literatura, pintura, pintura corporal, desenhos, cestarias, toda sorte de arte, músicas, cantigas, letras das músicas. Foi na década de 1970 para 1980 que houve uma grande explosão cultural, de algo que estava oprimido. Nossa arte existia, mas os padres a vinham tirando de nós desde os jesuítas no século XVI, não é verdade? O povo estava oprimido. Então, quando o povo começou a tomar consciência de quem era, começou a pôr para fora a sua arte.

eliane potiguara

É preciso falar adequadamente sobre os povos originários

Boa noite a todos e a todas. Quero primeiro agradecer o convite maravilhoso para participar deste evento, gratidão imensa às professoras, aos nossos ouvintes que estão tirando um tempinho para me escutar, para nos escutar, porque, na realidade, eu vou falar com vocês, mas vocês também, em pensamento, já estão em diálogo comigo. Eu quero só abrir um parêntese, pedir uma desculpazinha a vocês, porque eu estou com o rosto hoje muito inchado, umas pálpebras muito abaladas, porque ontem, por incrível que pareça, eu estava em uma mesa de cirurgia e hoje estou aqui, para vocês verem como a vida é! Eu estava lá em uma mesa, anestesiada, tirando um tumor que eu tinha no olho e, graças à médica, ela disse que eu podia retirar o tampão para poder fazer essa live aqui, maravilhosa, com vocês. Com tampão ia ficar desagradável. Mas estou me sentindo bem, não tem nenhum problema, não vou desmaiar, não vou cair. Estou ótima,

graça aos nossos guias espirituais, nossos mestres de luz, aos nossos ancestrais, estou aqui firme e forte, como sempre, nestes 71 aninhos que vou fazer daqui a dois meses. Então, muito obrigada!

Este é um tema bastante interessante. Quando recebi a proposta, achei muito interessante falar de um assunto que é de tal profundidade, de tanta interioridade para o nosso ser, enquanto humano, um tema bem vasto, que você pode viajar nessa temática da questão da ética e a questão da arte. A arte, só a palavra arte, ela já nos faz viajar. E a ética é outra palavra que leva a gente a viajar nos maiores planos de todos os níveis da nossa vida, desde que a gente nasce até o dia em que a gente morre. E já começa com uma grande pergunta, o que é a vida? Isso já é uma grande pergunta. O ponto importante que eu queria colocar para vocês, que é uma preocupação que tenho, quando falei assim agora, o que é a vida? A vida, a vida é uma característica do

ser humano, a vida, a morte, e dentro desse círculo, do nascimento e da transubstanciação, acontecem milhões de fatos nas nossas vidas. Uma das coisas que eu gostaria de trazer aqui é a questão da raça e da etnia, uma questão que nunca foi debatida do jeito que precisa ser debatida, com ética, justamente com ética, e não do jeito que essa questão vem sendo levada nesses 522 anos de colonização.

Nós, enquanto pessoas de origem étnica, das etnias indígenas do Brasil, da América Latina ou da Austrália ou da Ásia, sejam quais forem as etnias, a gente percebe que há um ranço milenar, secular, um ranço muito grande de uma discriminação racial e, conseqüentemente, social. O dominador considera essas etnias como pessoas de menor poder aquisitivo, menor poder intelectual, menor poder de conhecimento, quando, na verdade, as etnias originárias do nosso país, e vamos ficar um pouco mais na América do Sul, essas etnias são referendadas como povos originários. E o que são povos originários? Povos originários são aqueles povos que estavam aqui na terra, tanto na Terra enquanto mundo, quan-

to terra, terra barro, chão, praia, montanhas. Povos originários são povos que aqui habitavam, antes da chegada dos europeus, com a suas culturas, suas tradições, suas línguas, seus modos de viver, sua arte, sua cosmovisão, sua espiritualidade, sua ética. Entre os povos indígenas, originários, já existia uma ética intrínseca às nações.

Quando a gente fala de povos originários, estamos falando de etnias, que são milhares, estamos falando de conhecimentos tradicionais, de arte, conhecimentos que muitas das vezes o colonizador, aquele que oprimiu, aquele que chegou e não respeitou, aquele que matou, aquele que fez sucumbir milhares e milhares de vidas em detrimento da sua forma de pensar. A gente constata que os povos que aqui estavam sofreram, nesse processo longo, injustiça, genocídio.

Quem foi que disse que o colonizador significava mais do que os povos originários de qualquer país, de qualquer continente? Quem determinou que nós (porque eu faço parte desse grupo) devemos ser considerados menores de idade? Considerados preguiçosos? Considerados feios? E por que a nossa

autoestima até hoje, em 2021, por que a nossa estima ainda é baixa? Por que foi construído um país, como o nosso Brasil, construído considerando a autoestima dos povos originários assim tão baixa? Abaixo do zero, porque foi a partir da escravidão, da submissão, do assassinato, do genocídio de mulheres e crianças, do desrespeito às culturas, tradições, artes, que são milenares, culturas milenares. Se vocês observarem, por exemplo, a Índia. A Índia é um país imenso, dividido em vários estados, comportando várias etnias.

Inclusive, também lá tivemos a questão dos “dálites”, designados como “xudras”, grupo formado por trabalhadores braçais, considerados pelos escritos bramânicos, sobretudo o Manava Darmaxastra, como intocáveis e impuros.

Tem havido uma diminuição nessa população, como resposta a um questionamento às questões de castas. Não sei se vocês têm esse conhecimento, acho que sim, quem foi que chegou à Índia e ainda

estimulou essas castas, oriundas do bramanismo? Quem foi na nossa América Latina, na América do Norte, que classificou os povos originários como inferiores? Então existe um diferencial muito grande entre os povos originários, os povos tribais. Hoje não se usa mais a palavra tribo, não se usa, depois da Convenção 169 da OIT - Organização Internacional do Trabalho e das Nações Unidas e depois da Declaração universal dos direitos indígenas¹.

Trabalhei durante seis anos nessa Declaração, que demorou 30 anos para que se constituísse, para que se levasse respeito aos povos indígenas. Foi uma experiência muito grande, que terminou em Genebra, nas Nações Unidas. Foi ali que também aprendi que povos indígenas, etnias, povos originários não existiam só no Brasil, não eram só na América, não só nos Estados Unidos ou Canadá. Povos originários existem no mundo inteiro. Temos povos originários na Nova Zelândia, os “sami” na Noruega.

¹ **Convenção nº 169 da OIT sobre povos indígenas e tribais:** <https://www.oas.org/dil/port/1989%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20Povos%20Ind%C3%ADgenas%20e%20Tribais%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20OIT%20n%20C2%BA%20169.pdf>

Declaração das Nações Unidas sobre os direitos dos povos indígenas

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000185079?posInSet=2&queryId=5b35fa04-1c6c-4e4a-bec9-4c9c021f2e30>

Os sami, o povo lapão, constituem o grupo étnico nativo da Lapônia, que vive nas regiões setentrionais da Noruega, Suécia, Finlândia e da península de Kola, na Rússia. Habitam zonas serranas, zonas florestais, zonas costeiras, zonas geladas e fiordes noruegueses. Os sami conseguiram se autodeterminar politicamente e criaram programas de desenvolvimento socioeconômico que levaram melhor qualidade de vida para suas comunidades. Criaram meios de comunicação - televisão, rádio. O rádio foi o principal elemento de conscientização para a identidade do povo sami, para a defesa de suas reivindicações.

TEMOS QUE SABER QUEM SÃO OS OPRESSORES E OS OPRIMIDOS

Por que essa luta pela identidade indígena? Por que essa luta dos indígenas do Canadá, por quê? Por quê? Porque esses povos foram vilipendiados, foram tratados da forma que todo mundo sabe. Até hoje, vocês devem ter visto na televisão, há pouco tempo, como o governo brasileiro retirou os direitos constitucionais dos povos indígenas, o

direito à demarcação das terras, o direito à vida. Foi feita assim, uma violação dos direitos indígenas de tal forma que os povos foram para Brasília contestar. Em setembro, vai haver uma grande marcha das mulheres indígenas. Estamos vendo o povo indígena se manifestar para lutar pelos seus direitos, aquele direito que está na Constituinte de 1988. Mas não só o que está na Constituinte de 1988. Também o tradicional, o que veio antes, dos nossos avós, tataravós, antes dos tataravós, que são as terras indígenas desse período, um, dois, três séculos atrás.

Porque a importância das terras, porque a importância dos conhecimentos tradicionais, porque o conhecimento tradicional é importante para autodeterminação do povo, autodeterminação política do povo, a sobrevivência do povo, a manutenção da identidade indígena. Se vivêssemos em um mundo diferente, não precisaríamos dizer que somos étnicos. Seríamos todos iguais. Então, a luta dos povos, não só étnicos, mas de outros povos, como os ciganos, como os povos de outro tipo de cultura, pessoas mesmo, que tenham outro patamar

na sua individualidade, no seu físico, como o pessoal da LGBTQIA+. Mas as pessoas de origem preta, de quais origens sejam, não interessa, a gente sabe, que, por exemplo, na Itália, mesmo dentro da Itália, há um preconceito contra o siciliano. Então a gente sempre vê nas sociedades uma luta de classes entre o opressor e o oprimido. Isso vem de séculos, e séculos, e séculos. Isso vem de antes. Não vou me deter a essa questão, porque eu teria que entrar na história do Brasil e na história do mundo. Mas todo mundo sabe que a gente vem de um processo de opressão. E como diz Paulo Freire, o nosso grande mestre, eu fui aluna dele, aprendi muito com o professor Paulo Freire. Ele disse que nós temos que saber quem são os opressores e os oprimidos. No momento em que você identifica onde você está, você assume a sua conscientização política dentro de você mesmo e dentro do seu entorno, onde você vive. Tem plena consciência: fico sabendo quem sou eu, o que estou fazendo aqui, para onde vou, o que eu quero, que mundo é esse no qual estou vivendo. Então a gente começa a se fazer essas perguntas, para que a gente

possa saber se situar, isso é o mais importante, saber se situar, o Paulo Freire diz isso.

Outro nome importante foi Frantz Fanon, um psiquiatra, filósofo político e ativista, natural das Antilhas francesas, da colônia francesa da Martinica. Durante o seu trabalho como médico e psiquiatra, Fanon apoiou a Guerra de Independência da Argélia (1954 a 1962) em relação à França e foi membro da Frente de Libertação Nacional da Argélia. Discutiu a luta de classes entre o opressor e o oprimido e quais as consequências para o oprimido. Por isso é importante a gente estar sempre lembrando quais as consequências da opressão, do genocídio, da matança, dos estupros das mulheres, da separação das famílias, do processo de migração.

É um assunto muito vasto de se falar. Mesmo no Brasil, as pessoas pensam que migração é quando existe uma guerra lá não sei onde, no outro país, aí são pessoas migrantes. Não só. Aqui dentro do nosso país nós temos migração, temos migração dos povos do norte para o sul, para buscar sobrevivência, buscar trabalho, fugir do processo de matança, de colonização.

Como aconteceu com minha família. Eu tive o meu bisavô assassinado pelos Lundgren. Eram ingleses que chegaram no início do século 20 para colonizar as terras paraibanas, terras indígenas potiguara e transformaram os indígenas em escravos, literalmente. E os que não aceitavam, os que combatiam, os que denunciavam aquela situação, aqueles colonizadores jogavam as lideranças, os guerreiros, no mar, com pedra amarrada no pé e a cabeça enrolada em uma capa no pescoço. Jogavam no fundo do mar. Eu venho dessa história, venho desse assassinato e desse processo de migração, migração para Pernambuco, depois de Pernambuco, para o Rio de Janeiro. A família morando nas ruas, literalmente, em um período difícil da ditadura de Getúlio Vargas. Mulheres, tias, avós, várias, todas que perderam os seus maridos, vieram fugidas para o Rio de Janeiro.

Como sempre, foi a população do Norte, do Norte, do Amazonas, do Nordeste, que sempre fugiu do processo de colonização, viajando para os grandes centros, como São Paulo, Rio de Janeiro, achando que teriam uma vida melhor. Não en-

contraram, eles não encontraram vida melhor. Encontraram foi luta, suor, trabalho, mão de obra quase escrava, trabalhador rural, trabalhador urbano. Em décadas de sofrimento, como sofreu a minha família, vindo a falecer todas as pessoas da minha família, pela distância, pelo distanciamento, pelo não acolhimento que não tiveram, por terem que lutar pela sobrevivência. Mulheres indígenas, pobres, nordestinas, vilipendiadas, mulheres que mal sabiam escrever o nome, como eu sei que a minha avó assinava os papéis dela com o dedo.

VALORIZAR A ALMA, A ASCENDÊNCIA, O PRIMITIVO, O ESSENCIAL.

Foi quando compreendi que o processo pela qual passei na família, esse processo não era meu, não era uma história minha, era uma história de todas as pessoas que estavam sofrendo migração, saindo de seus lugares, os indígenas da região amazônica, porque ali habitavam povos originários, que tinham que mentir dizendo que não eram indígenas, para que pudessem ser aceitos pela sociedade. Isso aconteceu no Pará, no Mato Grosso,

assim foi no Brasil inteiro, no Brasil inteiro, todas as pessoas de origem indígenas tiveram que mentir, dizer: “Não, não somos indígenas”. Porque ser indígena neste país é ser uma pessoa altamente discriminada, mesmo que você já tenha feito uma faculdade, como eu fiz, como eu, que já viajei por mais de 50 países, algumas vezes com Nelson Mandela, em programas de combate ao racismo, programas piloto para a proteção da Amazônia. Uma pessoa como eu, professora, de origem indígena, sempre foi discriminada aonde chegava. Nos meus trabalhos, nas escolas onde trabalhei, inclusive tinha uma diretora que tinha uma implicância comigo e achava que eu usava drogas, porque eu tinha uma outra forma de educação, tinha uma forma de mostrar para as crianças o que era opressão e fazia brincadeira, fazia um tipo de educação diferente da que ela queria. Ela era mulher de um militar, queria naturalmente que a professora dela fosse de acordo com essa mentalidade militar. E o que Paulo Freire diz? Diz que temos que utilizar uma forma de educação diferenciada para os nossos povos, tanto que a sua teoria foi

levada para o Chile, para os povos indígenas de lá, foi levada para a África. Os professores davam aula debaixo das árvores, porque não havia construção. E partiam para um ensinamento voltado para a comunidade, para a vivência, para a ética e para a arte daquele povo. Isso tudo está envolvido em uma substância só, em um contexto só: a vida, vida, vida étnica, vida étnica. Uma vida totalmente diferenciada da população, vamos dizer assim, desse capitalismo selvagem que existe pelo mundo, essa forma de encarar a vida como se o dinheiro fosse a coisa mais importante. E daí que o dinheiro vai levando a outras esferas, levando inclusive à corrupção, que a gente sabe muito bem dessa história. Vivemos isso, vivemos no passado e estamos vivendo no presente e os países vivem isso. Então, quando a minha família aqui chegou, minha avó logo se estabeleceu, fez amizade, porque ela era uma indígena forte, uma mulher forte. E as pessoas pediam que ela contasse a história dela: “Conta aí a tua história, conta aí as tuas barras sujas”. Porque o contar de uma pessoa que seja migrante, pobre, nordestino ou nortista,

étnica, o contar dela é um contar verdadeiro, é um contar que sai do fundo da alma, mesmo que ela não tenha um grau de instrução, mesmo que ela não saiba escrever a letra “a”. Mas aquilo que ela sente, ela tem a capacidade de enxergar, tem os olhos de águia e consegue enxergar o mundo em que ela vive. Isso é também uma forma de arte. Então, eu sou fruto dessa natureza, tenho um grande orgulho de ter essa família, esses parentes, que me ensinaram a valorizar a alma, a ascendência, o primitivo, não o primitivo no sentido de primata, não, o sentido primitivo, no sentido de essencial, a essência que sai de dentro de você, a força que sai de você. Que força é essa que algumas pessoas têm, trabalhadores, oprimidos? Que força é essa que faz com que a voz dele ecoe? E qual é o princípio também para que seja ouvido?

Aqui estamos nós no século XXI, já estamos em 2021, passando o pão que o diabo amassou, porque são povos que vêm ali, lutando, lutando pelo pão de cada dia, pela sobrevivência.

Toda essa dimensão do que esta-

mos passando, vocês mesmos, professores, não vamos muito longe, não; vocês, professores, pessoas que estão me ouvindo, são pessoas que vêm de onde? Vêm da essência, vêm das bases, vêm da luta, vêm da luta diária para o seu sustento. Acredito muito nisso, porque são pessoas sensíveis, professores, pessoas que querem ouvir, querem aprender, que querem ouvir outras formas de pensamento.

Nesse sentido, entrei para a militância indígena em 1975, eu tinha 25 anos, me virei para a militância indígena, viajei para o Rio Grande do Sul para conhecer os guaranis; viajei pelo Nordeste todo, pela Amazônia, para conhecer as necessidades dos povos. Foi quando criei, junto com algumas companheiras, o GRUMIN, a rede, Rede Grumim de mulheres, que foi constituído juridicamente. Tivemos assembleias, em 1987, 1988, e criamos um programa de combate ao racismo. Também fui convidada pelo professor e reverendo Antônio Olímpio de Sant’Ana (1937-2021)², da Igreja Metodista do Brasil, ativista de direitos humanos e pioneiro na luta antirracista nas igrejas protestantes

2 <https://www.geledes.org.br/morre-o-reverendo-antonio-olimpio-de-santana/>

no Brasil. Ele tinha um programa de combate ao racismo ligado ao Conselho Mundial de Igrejas, que abarcava todas as igrejas não católicas e que sofriam discriminação. Era um programa que estava ligado a Nelson Mandela. Fizemos parte desse programa por muitos anos. Pude conhecer Nelson Mandela pessoalmente, depois que ele saiu da cadeia. Estive na África do Sul, conheci aqueles guetos, aquela questão da AIDS que, na época, era muito intensa. Foi, assim, um período muito intenso da minha vida e que eu pude entender melhor tudo o que tinha vivido.

Então escrevi o “Metade cara, metade máscara”, que é o meu livro carro-chefe. Tenho outros livros, mas se vocês quiserem ver ou ouvir, se aprofundar mais no que estou falando, esse livro meu está no meu site: www.elianepotiguara.org.br

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Eliane, posso intervir?

ELIANE POTIGUARA

Pode.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Você falou nessa questão da sua produção literária. Eu queria pedir para você caminhar nessa direção, como é esse contato seu com essa produção artística, literária? Que característica tem essa produção com isso que você está nos trazendo, que é essa especificidade de etnia? Acho que a gente pode ver melhor essa presença da arte como uma manifestação que é humana, mas que, em determinados espaços, ganha uma configuração muito própria.

ELIANE POTIGUARA

Ótimo.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Seria ótimo se você pudesse explorar isso com a gente.

ELIANE POTIGUARA

Ótimo, porque sou uma pessoa que gosta de dar uma grande pincelada no lado histórico, de dar uma viagem. Como tenho tempo, estava achando que poderia falar mais.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Você tem tempo, fique à vontade.

ELIANE POTIGUARA

Vai ser ótimo, porque já posso entrar na temática.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Quero pensar nesse contexto, como é que então começa a existir essa produção, não apenas sua ou dos potiguara, mas das etnias que a gente tem por aqui.

ELIANE POTIGUARA

Certo.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Isso nos ajuda a compreender melhor essa trajetória rica que você está trazendo.

ELIANE POTIGUARA

CONSEGUI PRESERVAR A ESSÊNCIA INDÍGENA DENTRO DE MIM

Vou responder em duas partes,

uma no plano individual e outra num plano coletivo.

No plano individual, vou dar um pequeno exemplo de como entrei na questão da arte, da literatura. Como eu disse, no início, fui morar no gueto, em um gueto no Rio de Janeiro, um gueto indígena, e ali permaneci alguns anos, vamos dizer assim, de seis até os dez anos. Permaneci ali sem sair para lugar algum, sem conhecer pessoas, praticamente dentro de casa, quase sem sair sequer para ver sol, para conhecer criança, para brincar. Nada. Então, tive um contato muito forte com as minhas tias, avós, toda a minha família. Elas tinham medo de que eu me transformasse, que eu passasse a ter outra mentalidade. Elas queriam preservar a essência indígena dentro de mim. E conseguiram. A minha avó queria enviar cartas para a comunidade indígena na Paraíba, mas não sabia escrever. Eu, que tinha sido alfabetizada em casa, comecei a escrever as cartas para ela, com todo seu conhecimento, aquele conteúdo mágico. Ela enviava para a comunidade indígena e voltavam as respostas do resto família e dos amigos que lá ficaram.

Eu vivi essas histórias, vivia as lágrimas dela, vivia o sofrimento, os olhares entre elas. E me perguntavam o que estava acontecendo. A partir dos seis anos até os dez, vivi esses anos intensamente, observando tudo. Fora isso, todos os dias à tarde, à tardinha, ou a minha avó ou as minhas tias-avós se sentavam para conversar comigo. Elas tinham me dado uma pedra verde, transparente, uma pedra que elas haviam trazido da comunidade indígena. Elas me deram de presente. Elas contavam história sobre a pedra e muitas outras, histórias que revelavam a cosmovisão indígena, do nascimento de determinado animal, a cosmologia de tais animais ou de tais momentos, como trovoadas, como o nascer do sol, o nascer da lua.

Eu ficava com aquela pedra na mão, escutando as histórias das minhas avós e escrevendo para elas. Foi aí que comecei a perceber o sofrimento delas, foi aí que comecei a me tornar uma pequena escritora, porque comecei a escrever ali. Com que conteúdo? Com a filosofia desse povo oprimido, com a filosofia desse povo vilipendiado, desse povo massacrado. A arte em mim

surgiu da opressão, a arte surgiu do sofrimento, a arte surgiu de um movimento mesmo de migração. Com relação ao coletivo, no plano coletivo, como fiz muitas viagens, eu observava que as escolas tradicionais não costumavam falar sobre os indígenas brasileiros. Foi a época da ditadura militar. Nesse período, viajei muito, foi o período de um ano, depois que me formei professora. Constatei que a forma da educação era altamente estranha, não tratava do povo indígena. A partir daí, comecei a participar do movimento indígena como militante. Comecei a perceber que os indígenas estavam lutando por uma educação diferenciada, uma educação que trouxesse os seus conteúdos, que tratasse da questão indígena, da vida indígena, não a essência de um autoritarismo, de mando, algo estranho a eles, que era uma forma de educação que a ditadura militar queria trazer para as comunidades indígenas. Nessa época, surgiu um grande movimento de autodeterminação do povo indígena, de autodeclaração enquanto indígena, enquanto essência, enquanto filosofia, enquanto cosmologia, enquanto espirituali-

dade, enquanto língua. O próprio povo começou a definir uma direção, a reverter aquela situação de oprimido. O indígena começou a questionar sua situação e trazer as suas necessidades básicas, como a preservação da cultura e da terra indígena. Começou a exigir enfaticamente a preservação da sua cosmologia e da sua identidade, sobretudo, a espiritualidade.

A CULTURA INDÍGENA EMERGE DURANTE O MAIOR GRAU DE OPRESSÃO

Quando falo espiritualidade, não estou falando de religião, estou falando de espiritualidade, dos conceitos, dos elementos que aquela comunidade tem com os seus encantados, com os seus ancestrais, com as suas histórias, com as histórias de vida dos avós, com a magia, com o encantamento, com as histórias reais dos povos. E não uma história que foi implantada pelo colonizador naquele período a que estou me referindo, ditadura de Vargas. Depois veio a ditadura militar. Foi um período no qual vivi um grande conflito, não só interno, como pessoa. Isso foi me tornando uma

escritora e uma observadora atenta desses povos que vinham, também no seu dia a dia, lutando por sua identidade indígena, em plena ditadura, que era militar. Inclusive, na época, o presidente da FUNAI era militar e declarou que deveria haver a emancipação dos povos indígenas no Brasil inteiro. O que seria isso? Que todos os indígenas do Brasil se incorporassem à sociedade brasileira, que deixassem suas terras, suas línguas, suas cosmologias e se tornassem aculturados.

Eu pergunto: como é que um povo que tem uma tradição, uma cultura, toda uma cosmologia diferenciada, vai ser jogado na sociedade urbana? Se esse povo não conhece a realidade dos povos que não são indígenas, se conhece apenas a realidade dele, então, vai cair onde? Em uma outra sociedade opressora, racista, desinformada, que é o que acontece até hoje, quando indígenas saem das suas comunidades e precisam estudar nas universidades. É comum indígenas buscarem trabalho, estudos, se formarem e depois contribuírem com aquele conhecimento, trazer aquele conhecimento para seus povos, para as suas origens.

Então, jogar o povo indígena nas cidades era realmente genocídio. O sofrimento que tivemos com essa situação toda foi que nos mobilizou para iniciar o movimento de arte, literatura, pintura, pintura corporal, desenhos, cestarias, toda sorte de arte, músicas, cantigas, letras das músicas. Foi na década de 1970 para 1980 que houve uma grande explosão cultural, de algo que estava oprimido. Nossa arte existia, mas os padres vinham tirando de nós desde os jesuítas no século XVI, não é verdade? O povo estava oprimido. Então, quando o povo começou a tomar consciência de quem era ele, começou a pôr para fora a sua arte. Eu acho que isso é um movimento, isso é um marco muito importante, porque onde nasce, onde renasce, onde reassume a cultura indígena? Justamente no maior grau de opressão. É aí que os escritores surgem, na década de 1970, década de 1980. É aí que os livros brotam, é aí que as histórias de origem de vida de cada povo surgem na sociedade urbana. Porque cada povo tem a sua história: um se baseia na mandioca; outro se baseia na lua; o cristão não conta a história do Adão e Eva? Pois os povos indíge-

nas brasileiros, temos 230 povos, nós tínhamos para mais de trilhões de histórias de cosmovisão, de literatura oral, de literatura, que aqui muitas das vezes está se transformando em literatura escrita, fruto mesmo dessa grande explosão, desse grande renascimento.

Tenho algumas expressões para alimentar o renascimento dos povos originários, para estimular o ato de amor entre eles: parem de podar as minhas folhas, parem de podar as minhas raízes, não se seca a raiz de quem tem sementes espalhadas para brotar. Então, com esse pensamento é que surge um movimento literário, um movimento artístico. E assim, surge o mais recente, um movimento das pinturas. Não sei, até São Paulo teve um prédio inteiro pintado por uma indígena, com desenho, com grafismo, com formas maravilhosas, que vem do fundo da alma daquele povo e que traz tantas artes mostradas nesse processo, nesse período: cantigas, roupas, filmagens, artesanatos. Olha, gente, um mundo de manifestações artísticas, um mundo de categorias que envolvem a questão da arte indígena. Agora, o que é a arte indígena nesse processo todo?

Quando a gente tem consciência de que viemos e que ainda estamos em um processo de opressão, é justamente a ética que temos, essa ética de sabermos que somos de origem indígena, que somos povos diferenciados e temos culturas e línguas diferenciadas, que precisamos passar isso para os nossos filhos, nossos netos, nossos tataranetos, para que a identidade indígena seja preservada nos seus conhecimentos tradicionais, com as suas propriedades intelectuais, com as suas histórias, com todo o seu mundo artístico, cada um no seu lugar.

Esse grande movimento artístico, que a gente vem vivendo, tem fortalecido a identidade dos povos, tem fortalecido o papel da mulher na comunidade, que vem sofrendo há séculos a opressão; é uma voz sufocada, vem trazendo todas as necessidades culturais, tudo, tudo aquilo abafado. Mas está rebrotando com mais força. Acredito que ainda virão muitas coisas desse mundo artístico dos povos indígenas. Ele está, a cada dia, sendo renovado com as memórias, com as lembranças, com os conhecimentos tradicionais das nossas bisavós, dos

nossos ancestrais. E mais ainda: esse movimento nos traz uma supervalorização de quem somos, do que queremos, para onde vamos e a valorização dos nossos ancestrais, porque o programa de colonização, neocolonização, emancipação, globalização, quis acabar com a memória da ancestralidade, que é a nossa ética.

O MEIO AMBIENTE ERA FAVORÁVEL AO ÍNDIO E HOSTIL AO NEGRO

Qual é a nossa ética? A nossa ética é a verdade, é como se dá o relacionamento entre pais e filhos, como se dá o relacionamento entre os mais velhos e os mais novos, o que vem a ser a doutrina do culto, a espiritualidade, as histórias dos pajés. Por que nasceram as novas cacicas? Nosso pessoal chama cacica, feminino de cacique. Eu não gosto muito desse novo nome, porque é um nome que veio de Portugal. Mas acredito nas novas guerreiras, porque essas mulheres estavam abafadas, escondidas nas suas comunidades, por ação mesmo do colonizador, do opressor. Para ilustrar, vou contar uma pequena história.

As mulheres foram tão colocadas na retaguarda cultural indígena... Por conta do medo e da colonização, dos estupros, elas perderam o sentido, perderam o sentido do mátrio poder. Porque as mulheres tinham, no passado, esse poder de participar de uma decisão, de votar numa assembleia, de falar em uma assembleia. A mulher dava a última voz. Vou trazer aqui um pouco da história de Sepé Tiaraju (1723-1756), um herói guerreiro guarani. Ele foi o chefe dos Sete Povos das Missões (aproximadamente 1680-1800), um conjunto de sete aldeamentos guarani, fundado em 1682 por jesuítas espanhóis, em terras localizadas no Rio Grande do Sul. Sepé liderou uma rebelião contra o Tratado de Madri enfrentando militares espanhóis e portugueses do período colonial.

Sepé Tiaraju, lá do Rio Grande do Sul, foi um grande líder. Ele ia ao encontro dos governadores gerais, em São Paulo, para conversar sobre a sobrevivência dos povos guaranis. Aconteciam assembleias para discutir as reivindicações. E as mulheres davam a última palavra. Isso aconteceu realmente, não é historinha para boi dormir, é história real.

Histórias muito tristes aconteciam por causa da escravização dos índios. Muitas famílias, diante do processo de escravidão naquela época, quando se viam acuadas, se jogavam nos precipícios, morriam, morria toda a família, se suicidava toda a família em protesto contra a escravidão. O indígena nunca aceitou a escravidão aqui, não porque ele era preguiçoso, como nos costumam dizer. Falavam que o indígena era preguiçoso! Não, ao contrário, o indígena era resistente, resistia, porque conhecia bem as suas terras.

Já os escravizados que vieram da África não conheciam o interior do Brasil. Viviam no litoral do Brasil, não sabia se embrenhar nas matas e eram perseguidos, porque eles vinham individualmente, ou em grupos pequenos. Além do mais, eram de etnias diferentes, cada um de uma etnia; ou duas pessoas de uma etnia, não formavam um conjunto de um pensamento indígena africano. Mesmo assim, conseguiram criar um grupamento quilombola em Alagoas, justamente com o que sobrou, o que sobrou dos negros escravizados. Criaram redutos que deram origem aos quilombolas.

Trouxeram o que restou de suas culturas, suas tradições, sua literatura, a sua forma de ser, os seus cânticos, as suas roupas.

É nesse sentido que dou vivas, vivas aos povos que resistiram contra essa grande opressão que tentou matar a cultura indígena, a arte indígena. Não só no Brasil como no mundo inteiro, no mundo inteiro aconteceu isso. Veja a arte, a literatura, como elas são fortes, como elas perduraram, não pereceram, ao contrário. Cada vez que se oprimia, mais se fazia arte, mais a ética indígena ficava à frente para as crianças, para os mais velhos, para todas as pessoas, para a comunidade inteira. Foi um processo muito bonito, o processo da reconstrução da arte. Porque realmente houve uma tentativa de apagamento, isso é que a gente não pode esquecer, apagamento da nossa cultura, uma tentativa de apagamento que vai de encontro, vai contra os princípios da nossa identidade indígena. Eles queriam que fossemos escravos deles, que trabalhássemos para eles, que fizessemos o dinheiro, o capital para o grande poder. Mas nós nos embrenhamos nas matas, nas culturas, nas artes, na nossa literatura,

nos cantos, nas cantigas e estamos aí, recriando e preservando nossa cultura.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

“POVO SEM CULTURA”

Acho que isso traz um panorama que vai ao encontro do que estamos querendo. Acredito que várias pessoas terão questões para você, mas eu quero voltar um pouquinho só para retomar o fio, principalmente dessa colocação que você nos traz agora, ao final, em relação à questão da arte indígena, da cultura indígena. Temos trabalhado aqui, desde o primeiro módulo, sobre a perspectiva de que é a cultura que nos torna humanos. É a intervenção dos seres humanos na realidade que faz com que a gente se torne humano, qualquer que seja essa intervenção, qualquer que sejam os valores criados. Gosto de contar uma experiência que vivi em uma das bienais de arte de São Paulo. Na bienal, havia uma exposição da arte plumária dos índios brasileiros, uma coisa belíssima. Uma senhora ao meu lado, admirando os cocares, a produção dos indígenas, virou-se

para o companheiro dela e disse: “Que beleza, não é? E pensar que foi feito por um povo sem cultura”.

ELIANE POTIGUARA

OBJETOS INDÍGENAS SÃO MAIS DO QUE ARTE

Ela estava falando da própria cultura, da cultura dela. E mais, cada um daqueles objetos tem um significado. Toda arte indígena tem uma função mítica. Por exemplo: as penas nas flechas servem para fazê-la voar como um pássaro! Nossas pinturas, nossas esculturas significam, são mais do que objetos físicos. Há espiritualidade neles.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

O GESTO ÉTICO COMO TRANSGRESSÃO

A visitante se referia à cultura dela, é exatamente como você vem trazendo. No caso indígena, o diferente é o estranho e o diferente sempre significa menos para a maioria das pessoas. Mas quero pegar algo que você traz para poder falar da arte do povo indígena. Quero

perguntar algo a propósito de arte e transgressão. Vou voltar tanto ao que nos trouxe o professor Christian Dunker, quanto ao que nos trouxe o rabino Nilton Bonder na semana passada sobre o gesto ético. Eles comentavam que o gesto ético se caracteriza por ser um gesto de transgressão...

ELIANE POTIGUARA

... transgressão...

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

...um gesto de crítica a algo que está estabelecido, um gesto de rompimento com valores que por vezes não se sustentam. Essa forma é, parece, diz você, a forma como os indígenas construíram toda a sua arte. Mas mesmo antes de um contato que produziu o rompimento, e esse contato foi litigioso, você não encontra uma manifestação artística que é própria mesmo da relação desse ser humano com a natureza, com a sua imaginação, com a sua memória?

ELIANE POTIGUARA

FAZER ARTE ERA VIVER EM HARMONIA COM A NATUREZA

A arte compõe a cosmovisão indígena, a cultura em cada comunidade. Porque são 236 povos, cada um com a sua forma de ser, com a sua cultura, tradição, língua em primeiro lugar. Antes mesmo dessa invasão de 1500, os povos, claro, já tinham a arte deles, eles já furavam o nariz, já faziam arco e flecha, já faziam o barro, a comida nas panelas de barro, já tinham a sua plumagem, já faziam suas máscaras, já faziam as suas vestimentas com plumagens. Esses povos já vinham de uma saga muito linda, artística, desenvolvida em primórdios que nem sabemos, de que nem temos noção. Mas vivíamos em um equilíbrio, um equilíbrio cultural, no qual fazer arte era viver, fazer arte não era contestar, fazer arte era a própria vida, fazer arte era comer, era fazer o chocalho, era fazer as danças, era fazer as cerimônias de iniciação das meninas de 15 anos ou dos meninos, o casamento. Muito antes da chegada dos colonizadores, antes de tudo, existia um

mundo, alguns mundos: os maias, os incas, os astecas. Eles já tinham todo um cabedal artístico de arquitetura, de formas, de manuseio da madeira, de manuseio de instrumentos. Isso já vinha de muito antes, muito antes da colonização. Porque tudo que falei até agora, falei da colonização para cá. Agora, o povo oprimido daqui o que ele fez? Ele se conectou com a ancestralidade, porque isso é o importante para nós, porque isso existe e é verdade, a conexão com a nossa memória, a nossa memória ancestral, viajar pela ancestralidade através do sono, através de sonhos, através da memória, uma busca de algo que esteja em nossa memória, que a gente não conseguiu ainda puxar. Tudo isso está aqui, só que a gente tem que fazer uma grande força e ter uma grande inspiração, uma grande determinação para buscar esse argumento que a gente não conhece no físico, no plano físico. A gente vai buscar isso em um plano muito mais da ancestralidade, que passa pela ética, que parte da ética, parte da origem da vida, parte da essência do ser humano indígena, do homem ancestral, da mulher guerreira, do homem guerreiro, de

toda a sua tradição, de um tempo que se foi, mas que não morreu. Ele existe e envolve pessoas. Existem pessoas que conseguem ter essa dimensão, entrar nessa dimensão e trazer essa ancestralidade para o papel, para a produção de arte, vamos dizer assim, qualquer arte. Eu acredito nisso, sei porque sinto isso, eu sou filha disso, sou neta, bisneta, tataraneta dessa ancestralidade, que é muito bonita. E o povo brasileiro deveria estudar muito a nova Lei 11.645, que regulamenta a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino. Ela começou a ser aplicada nas escolas com os professores e, infelizmente, acabou. Não temos mais esse ensinamento, está muito restrito. E depois veio a pandemia. Foi um momento no governo Lula, um momento em que a gente estava conseguindo entrar nas escolas para conversar com as crianças. No momento que a gente conversasse com as crianças, estaríamos mexendo com esse inconsciente delas, da ancestralidade delas, seja indígena ou não. E aí traríamos a cultura dos povos originários, traríamos a arte. Por-

que, o que é a arte? O que é arte, senão a própria história? A própria história nos seus momentos de evolução do homem. Nós, indígenas, só conseguimos manter essa memória com muito esforço, através de muito sofrimento. Inclusive acho que temos algo para contar, para deixar para as novas gerações, algo a contribuir. Os povos originários podem contribuir para repassar uma filosofia à sociedade, para que a gente possa contribuir para o equilíbrio do meio ambiente. Em junho de 1992, quando aconteceu a Rio-92, a conferência mundial de meio ambiente, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD ou Eco-92)), no Rio de Janeiro, a conferência marcou a forma como a humanidade encara sua relação com o planeta. Foi naquele momento que a comunidade política internacional admitiu claramente que era preciso conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a utilização dos recursos da natureza. Os grandes governos, o que eles fizeram? Trouxeram as vozes indígenas, porque sabiam que o indígena teria algo para dizer sobre o equilíbrio da natureza, so-

bre a preservação ambiental, sobre a questão climática, sobre a não destruição das matas, das florestas, a não destruição dos rios, sobre o modo como o indígena trabalhava para o equilíbrio da fauna, da flora, dos peixes!

E isso é uma lição de vida, isso é tecnologia, a tecnologia do passado é uma tecnologia que preserva. Até hoje, vamos dizer, temos algumas regiões que conseguiram preservar o meio ambiente. Porém, infelizmente, se temos essas queimadas e toda essa destruição é porque já chegou lá o grande capital para destruir; o agronegócio para destruir tudo e tirar esse conhecimento da preservação do meio ambiente. Não quero dizer que os povos indígenas, nós, estamos colocando a questão romantizada; não, estou colocando a questão tecnologicamente falando, do conhecimento, é o conhecimento ancestral, é a nossa ética. E que tudo se transforma em quê? Em arte, arte que vai se multiplicando, vai escorrendo pelas mãos. A nossa arte vem dos nossos conhecimentos tradicionais, repassados pela transcendência ancestral. E essa é a nossa luta.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Beleza. Vamos ver, não é, Sabrina, se tem alguém inscrito, quem mais gostaria de trazer uma pergunta para a Eliane.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Temos sim, temos aqui o Anaximandro (Anaximandro Orleans Calle de Paula). Ele diz que a constituição do Equador contém uma bela declaração ética, reconhecendo as comunidades indígenas e permitindo que elas sejam julgadas segundo seus costumes. Entre os povos indígenas dos Andes centrais, Pacha Mama ou Pachamama (do quíchua Pacha, “universo”, “mundo”, “tempo”, “lugar”, e Mama, “mãe”, “Mãe Terra”) é a deidade máxima, uma divindade relacionada com a terra, a fertilidade, à mãe, ao feminino. Há um respeito pela natureza onde se produz e se realiza a vida. É a natureza como sujeito de direitos. Ele pergunta: “Eliane, como é a relação de sua etnia com a natureza e quais os efeitos na arte indígena”.

ELIANE POTIGUARA

“TAMBÉM HÁ CORRUPÇÃO ENTRE NÓS INDÍGENAS”

Muito boa a pergunta, muito boa, porque não é só na minha etnia. Aconteceram em várias etnias os maus efeitos da colonização. Pode estar lá na Constituinte, mas alguns indígenas vão e se articulam com o colonizador, por interesse pessoal; não é só porque você é indígena que automaticamente é conservador da natureza. Não, a gente tem pessoas dentro da tradição indígena, pessoas que traem, porque elas são resultado do processo de colonização. São indígenas que mentem, que roubam, que destroem a natureza.

Vou dar um exemplo da comunidade potiguara. Na comunidade potiguara tem um rio chamado Sinimbu. Ali nascem muitos camarões. Potiguara quer dizer “o lugar do camarão” ou “quem come camarão”. Uma empresa, não vou nem citar o nome, uma empresa de produção de cana de açúcar começou a jogar o vinhoto (resíduo da produção de açúcar) nos rios indígenas. Alguns indígenas estavam coniventes com

esse processo. O que acabou acontecendo? Aconteceu o assoreamento do rio, o ressecamento, a morte do rio. Isso também se dá em várias regiões, em outros rios. E também matas são queimadas. Às vezes, existe uma legislação local, pois existe uma ética local. Mas muitas pessoas não respeitam, não cumprem. Elas estão violando a ética da essência daquele povo. Qual o nome daquele povo? “Comedor de camarão.” Para ter camarão, tem que ter água; para ter água, tem que ter rio; para ter rio, ele tem que estar limpo; para estar limpo, não se pode ter empresas em volta para tirar do indígena aquele direito à água, aquele direito ao camarão, ao sustento, ao caranguejo, aos peixes, entendeu?

Então, muitas vezes, e vou dizer assim, com dor no meu coração, isso aconteceu em muito lugar. No Xingu, havia pessoas empenhadas na preservação. Mas havia também outras lideranças, outros guerreiros, outras pessoas que estavam mais preocupadas com a destruição do meio ambiente. Essas questionaram e buscaram formas para que se acabasse com essa violação do direito indígena local.

Às vezes, há uma lei, como está estabelecido na constituição de 1988, sobre as terras indígenas brasileiras. Mas o agronegócio atual e o novo presidente querem retirar os direitos adquiridos nos primórdios. Desde o Serviço de Proteção ao Índio, da época do José Bonifácio, que já se trabalhava a preservação do território indígena. Quando eu falo território, e não falo de terra, falo territorialidade, quer dizer, todo um conjunto de elementos que formam a cultura indígena: a terra, o meio ambiente, a cultura, a língua, as tradições, a ancestralidade. É todo um contexto, chama-se territorialidade. E é muito difícil manter essa ética do povo, do conhecimento do povo, quando há um convite de fora, que está seduzindo com dinheiro. O resultado é que há pessoas que estão traindo os seus semelhantes.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Obrigada Eliane. Tem uma outra colocação da Priscila (Priscilla Tesch Spinelli). Ela primeiro disse que a sua fala foi maravilhosa, muito significativa e acolhedora. E disse que vai seguir nessa luta. Ela traba-

lha na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e disse que lá estão ensinando aos alunos, que serão professores e professoras, a levar a cultura dos diferentes povos indígenas e africanos para as salas de aula. Ela comentou que você falou dos ritos de celebração das meninas quando chegam a uma certa idade, 15 anos. Ela gostaria de saber como é para os potiguaras a menstruação das meninas, se é uma passagem natural para ser mulher ou se há um rito de puberdade no seu povo?

ELIANE POTIGUARA

A DIFICULDADE DE MANTER A TRADIÇÃO

Temos vários graus de integração. Os potiguaras têm sido um povo muito resistente, muito. Por quê? Porque é um povo que vive no litoral, no litoral mesmo, assim como os guaranis, que são povos muito resistentes; os pataxós de Coroa Vermelha, no litoral sul da Bahia. Todos esses indígenas que vivem no litoral foram muito, muito sacrificados, muito, muito vilipendiados e sobrou muita coisa, permaneceu, sobrou não, essa palavra, perma-

neceu muita coisa da cultura indígena, mas também permaneceram vários vícios dos colonizadores. Isso é uma coisa. A outra coisa é que, dentro do processo da escravidão, em um caso, o colonizador tentou fazer a integração daquele indígena à sociedade, o que não conseguiu. Então, nesse processo, nessa tentativa, muito povos do litoral permaneceram um pouco esfacelados na sua cultura. Há povos que precisaram reconstruir sua cultura. O povo potiguara é muito guerreiro, porque ele teve que buscar a sua tradição, a sua cultura, aonde fosse. O catolicismo foi muito grande lá, inclusive até o dia 29 de setembro, até o meu dia de aniversário, junto com Ailton Krenak, fazemos aniversário juntos, o dia 29 de setembro é o dia de São Miguel Arcanjo. E ficou porque o povo potiguara foi totalmente colonizado pelo catolicismo, inclusive não temos só o catolicismo, temos também Assembleia de Deus, essas assembleias que estão entrando nas comunidades, devagarzinho, por debaixo dos panos. Acontece que a cultura dos povos ancestrais é muito mais forte que tudo isso e as artes em si vêm no

bojo dessa transgressão, dessa luta por parte das pessoas que querem a identidade indígena. Acaba que aquele indígena que não quer acaba tendo que aceitar um novo costume, de certa forma. Então, entre os potiguaras, a manifestação, a cerimônia da menstruação, se dá de forma habitual, fora da tradição. Deixa de ser uma tradição, como é, por exemplo, no Xingu, que é um povo que está mais preservado. Então temos vários graus de integração do povo indígena, uns bem preservados; outros, não. Mas os povos que estão no litoral brasileiro assimilaram muito a cultura do colonizador, como é o caso das meninas mais próximas das sociedades litorâneas que ficam menstruadas. É por isso que demorei um pouco para explicar. Mas estamos lutando, estamos trabalhando para resgatar, através do intercâmbio, de umas décadas para cá, o intercâmbio dos povos indígenas do litoral, como dos povos da Xingu, por exemplo, povos que estão bem preservados. Há os caripunas lá do interior da Amazônia. Existe um trabalho de integração para que surja uma reconstrução, no bom sentido. Acredito nisso,

que esses povos possam intercambiar e receber novos conhecimentos e manter essa identidade, que foi tão vilipendiada nessa região geográfica que é o litoral brasileiro.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Perfeito. A professora Branca (Branca Jurema Ponce) levantou a mão. Quer fazer uma colocação professora? Fique à vontade.

BRANCA JUREMA PONCE

Boa noite, Sabrina (Sabrina da Paixão Brésio); boa noite, Tê (Terezinha Azerêdo Rios); boa noite, Eliane. Foi um prazer te ouvir, muito bom. Estou curiosa, sou uma educadora, estou curiosa para ouvir de você como é que vocês conduzem a educação dos meninos, das meninas, enquanto crianças, enquanto jovens, como é que isso se dá?

ELIANE POTIGUARA

A EDUCAÇÃO COMEÇA NA FAMÍLIA, NAS ATIVIDADES FAMILIARES.

Essa é uma questão um pouco complicada, porque nós temos 300

e tantas etnias e cada etnia trabalha com a sua forma e o seu grau de integração, o que acabei de falar. A educação, falando de forma genérica, e geralmente é o que está acontecendo nas comunidades mais estruturadas, a educação, primeiro, é dentro da casa, aprendendo a língua. A coisa mais importante é a língua, língua indígena. Então, os pais praticam. Não é uma coisa forçada, é natural, é ali. Naquela vivência, a criança vai aprendendo, desde cedo, a ir pescar; a conduzir um facão na mão, por exemplo; a conduzir uma corda, a levar instrumentos que, para a sociedade brasileira, seria um absurdo, uma criança levar determinado animal, puxando um determinado animal selvagem. Então, a educação é eminentemente de base, da casa. A criança aprende ali no dia a dia tudo. A mãe conduz a criança o tempo todo, 24 horas por dia a criança está com a mãe. A educação da criança é totalmente voltada para as bases da cultura familiar: língua e atividades familiares. Quando a criança começa a ir à escola, já está com a sua cultura fortalecida pelas bases maternas e paternas. Ela vai para uma profes-

sora indígena e não uma professora que não seja indígena, porque foi uma das reivindicações do movimento indigenista: que os conteúdos, as professoras e todo o corpo de pessoas que trabalham na escola sejam indígenas, que tragam a essência indígena e não uma cultura de fora.

Foi um grande acontecimento de transformação da escola indígena, de transformar a escola em uma continuidade da sua casa, porque antes a criança tinha toda a educação de base, mas chegava na escola e tinha os ensinamentos do mundo não indígena. Então a criança desaprendia a língua, aprendia conceitos fora da sua cosmovisão. Hoje, na escola, os professores indígenas ensinam justamente a questão da cosmovisão, da cosmologia, da cultura indígena, dentro da alfabetização, sendo utilizada a educação bilíngue, a educação do meio ambiente, a questão do meio ambiente, uma educação voltada para aquilo que a pessoa faz, as coisas nas quais se trabalha. Claro, traz outros conceitos, mas sempre fortalecendo o conceito primordial, o conceito essencial, que é a essência indígena.

Tivemos uma vitória muito grande depois da Constituinte, de transformar nossas escolas em escolas especificamente indígenas, com conteúdo, formulações, programas especificamente voltados para a cultura indígena: a questão da alimentação, a questão do reflorestamento, da pesca, do desenvolvimento comunitário, com a questão da farmácia, a farmácia fitoterápica, com relação às plantas, com relação a tudo, à ética e aos relacionamentos humanos, aos relacionamentos entre as pessoas.

BRANCA JUREMA PONCE

Muito obrigada.

ELIANE POTIGUARA

De nada, querida.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Terezinha, fique à vontade. A Cristiane (Cristiane Patrícia de Oliveira Carvalho) que colocou aqui, compartilhou que é um orgulho ouvir você, quão importante para a história de um país manter vivas as origens, a sua cultura. Que seja

longa a sua vida, para que muitos mais possam escutá-la e compartilhar das suas experiências, muito obrigada.

ELIANE POTIGUARA

“FALTA MUITO, MAS FIZEMOS NOSSA REVOLUÇÃO.”

E o mais importante disso tudo é que quando os povos indígenas se aperceberam da questão colonizadora, que estavam sendo vilipendiados, oprimidos, houve o que eu falei, houve uma espécie de revolução, uma espécie de revolução de si mesmo, de si, enquanto indígena, uma revolução. E refletiram: “Espera, não é isso que queremos; queremos outra coisa”. Então, muitos antropólogos, muitos sertanistas, muitos políticos, muitas universidades conseguiram entender essa nova mensagem, essa nova voz que ecoava dessa forma. Sim, a gente teve muitos antropólogos reacionários, que botaram, construíram igrejas dentro das comunidades, que introduziram tal e tal coisa nas comunidades. Mas foi maior o número de pessoas mais adeptas dessa revolução. Essa evolução,

a revolução indígena, foi muito maior do que os opressores. A gente tem que dar parabéns, a gente tem que tirar o chapéu, a gente tem que valorizar os povos indígenas, porque são povos muito guerreiros neste país, são povos que respeitam também o mundo lá fora, tanto que vão à universidade, se relacionam com todos, se formam. Temos a deputada indígena Joênia Wapichana, da Rede Sustentabilidade de Roraima, que está lutando no Congresso Nacional; tivemos o xavante Mário Juruna, que saiu da sua comunidade para lutar com os povos e lá deu o seu recado; temos vereadoras, grupos de vereadoras indígenas em São Paulo, que saem de suas comunidades para levar para as câmaras municipais as suas reivindicações. E depois elas mantêm a sua cultura. Não é pelo fato de a pessoa ir para uma universidade, usar um relógio, usar uma calça jeans, viajar para o exterior, para as grandes conferências internacionais do meio ambiente, do que seja, não é por esse fato que ela vai deixar de ser indígena. Ela pode conhecer Paris, pode sentar-se às mesas.

Por exemplo, eu me sentei às me-

sas em Paris, com talheres de ouro, olha só, tapetes vermelhos, quando eu compunha a delegação do governo brasileiro. Houve uma grande delegação aqui do Brasil que viajou para lá, e deixei de ser indígena? Não deixei de ser indígena, continuo aqui, vou fazer 71 anos no mês que vem, daqui a um mês, continuo com a ideologia, continuo com a minha cultura, com as minhas tradições.

É isso que o povo brasileiro tem que entender, não é porque o indígena colocou um relógio no pulso ou tem um celular que deixa de lado sua ancestralidade. O indígena também acompanha a tecnologia. Os navajos no Novo México, onde estive também, falando para três mil indígenas. Fiquei de boca aberta de ver aquilo: eles tinham uma secretaria de educação deles, tinham um banco deles, tinham tudo deles, tudo deles era incrível. Quando desci no aeroporto, foram três indígenas me buscar. Eu não sabia que eles estavam com uma limusine branca do outro lado da rua fazendo sinal para mim, me chamando. Olhei para trás e vi aquelas pessoas me chamando, encostadas na limusine. Pensei: “Não

é comigo”. Mas era. Naquela época, eu ainda era professo primária. Então, fiquei impressionada, que aqueles indígenas foram me buscar. Pensei: “Tenho que aprender muito com esse povo”. E naquela época, a gente ainda tinha um pensamento bem atrasado, de que ser índio era sinônimo de ser pobre.

Depois disso é que eu mesma, como Eliane, havia entendido que ser indígena não era sinônimo de pobreza. Era sinônimo de uma riqueza cultural que precisa ser preservada. Assim como os italianos têm a cultura deles, os indígenas, cada um com sua etnia, têm a sua cultura. Então, por que abafar uma cultura? Esse foi o pensamento dominante nesses últimos tempos. Porém, desde o início da história do ser humano, sempre um povo quis subjugar o outro, essa é a realidade. Não tem havido um respeito, não tem havido uma ética.

É interessante verificar, no entanto, que algumas etnias norte-americanas, canadenses e norueguesas conseguiram criar um sistema econômico próprio. Mas não foi simples. Foi necessária muita mobilização.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Ismael, quer fazer a sua pergunta? Na sequência, a gente segue para o encerramento.

ISMAEL DE OLIVEIRA

Professora Eliane, parabéns pela sua militância, pela sua luta. Eu queria perguntar duas coisas. A primeira, até que ponto a arte amainou e aliviou todo esse sofrimento dos povos indígenas, principalmente aqui no nosso país? Vamos ficar só no nosso país. A segunda: ouvi uma experiência há uns anos, de um grupo na Amazônia, um grupo indígena, que fez um acordo com uma empresa americana que fabricava iPhones e o grupo, por meio desses iPhones, denunciava para os grandes conglomerados americanos os desmatamentos na Amazônia. Não sei se a senhora ouviu falar dessa experiência, que me pareceu muito interessante, usarem a tecnologia também para a defesa na floresta. É uma questão fundamental para nós todos, muito obrigado.

ELIANE POTIGUARA

O que tenho observado é que a arte indígena vem trazendo novas perspectivas de vida. As crianças vêm se renovando, estão surgindo livros, as pessoas vêm contando histórias. Essas histórias vêm reforçando nossos esforços de valorização da cultura indígena, vêm dando conteúdos nas escolas. Essa arte indígena vem para enriquecer mesmo, isso não é só no Brasil, mas no mundo inteiro. O que tenho observado é isso, porque tenho feito, tenho escrito alguns livros, O pássaro encantado, por exemplo, A cura da terra. Livros utilizados como material didático. Não só eu, mas vários escritores indígenas. Eles têm levado uma gama muito rica de conhecimentos que ajudam a sobrevivência e a felicidade das crianças e dos povos, consequentemente.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A ARTE COMO PERMANÊNCIA E COMO EFEMERIDADE

Obrigada, Eliane. Acho que ainda ficaram muitas questões para pen-

sarmos nessa perspectiva da arte, da arte indígena, da ética, da relação entre a ética e a estética nesses povos e nos outros. De qualquer maneira, foi muito bom ter você aqui. É para isso mesmo que temos feito as conversas, para que se plantem sementes para que elas possam ir adiante. Acredito que isso nos ajuda a pensar.

Eu estive relendo ultimamente um livro do Zygmunt Bauman que se chama *A ética é possível em um mundo de consumidores?* Bauman faz referência a Michel Foucault e diz que a vida deve ser construída como uma obra de arte. Faz uma comparação muito interessante. Diz que, antes, o que a gente tinha na perspectiva da arte era uma ideia de conservação e hoje temos um conceito de arte efêmera. O artista faz uma instalação que no dia seguinte vai ser retirada; faz uma pintura, um mural que vai ser substituído. E isso, acho, faz a gente pensar como é que, em todas as culturas, a gente tem essa relação com o contexto, com aquilo que nos provoca. Quando você fala de uma espécie não de adaptação, mas de um cruzamento muito estreito entre as culturas, que traz modi-

ficações, acho que é isso mesmo. Muda a cara, os potiguaras não são os potiguaras de antigamente, embora os ancestrais estejam presentes, assim como todas as outras culturas e, por isso mesmo, agradecemos a essa potiguara, que vem nos ensinar um pouco mais a respeito desse mundo e das coisas. Agradeço também muito a todos que aqui estiveram e infelizmente tenho uma notícia muito triste para nós. Na semana que vem nós teríamos a presença do professor Roberto Romano para falar sobre ética e política. Acabamos de ter a notícia do falecimento do professor Romano, e segundo o que nos chegou, ele foi mais uma vítima da Covid, mais um, um nome entre os 500 e tantos mil que se foram.

ISMAEL DE OLIVEIRA

Mais uma perda de um intelectual fabuloso. Uma pessoa fabulosa, fantástica.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Isso, Ismael, a gente vai procurar fazer uma homenagem a ele. Isso significa que vamos fazer um

reajuste na nossa programação. Na próxima semana, discutiremos a questão da ética e da educação com a professora Branca Jurema Ponce e o professor André Luiz dos Santos. E, no nosso último encontro, vamos fazer um fechamento de uma maneira diferente, quem sabe explorando mesmo tema da política e recorrendo ao pensamento de Roberto Romano.

E esperamos que vocês possam estar aqui e desejamos uma noite boa a todos, agradecendo muito particularmente a Eliane Potiguara pela sua presença.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Boa noite, gente, até a próxima semana.

